

Formação em Educação  
Audiovisual para o Trabalho  
Pedagógico no  
Ensino Médio Integrado

**Janaí de Freitas Pedroso**



P372f      Pedroso, Janai de Freitas

Formação em Educação Audiovisual para o Trabalho Pedagógico no Ensino Médio Integrado. / Janai de Freitas Pedroso, Nei Jairo da Fonseca dos Santos Junior. – Charqueadas, RS, – 2025.

36 f.

Dissertação (Produto educacional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Charqueadas, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT).

Modo de acesso: [educapes.capes.gov.br](http://educapes.capes.gov.br)

1. Educação audiovisual. 2. Educação emancipatória. 3. Linguagem audiovisual. 4. Trabalho pedagógico. 5. Formação de professores. I. Santos Junior, Nei Jairo dos. II. Título.

CDU 377

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecário Fernando Scheid - CRB 10/1909



## APRESENTAÇÃO

Esta formação continuada foi concebida como produto educacional vinculado à pesquisa de mestrado intitulada “DAS TELAS À PERCEPÇÃO: A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NO TRABALHO PEDAGÓGICO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – *CAMPUS* CANOAS/RS”. A investigação insere-se no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Câmpus Charqueadas, alinhando-se à linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e ao macroprojeto 3: “Práticas Educativas no Currículo Integrado”, por buscar o aprimoramento do trabalho pedagógico nesse contexto.

Com o propósito de colaborar para o fortalecimento do trabalho pedagógico com a linguagem audiovisual no EMI, fomentando práticas que integrem análise crítica, apreensão estética e processos de criação a partir das produções audiovisuais. Reconhece-se, desse modo, a relevância dessa forma expressiva como via formativa para uma educação emancipatória, ao oferecer instrumentos que possibilitem aos envolvidos interpretar e intervir de modo consciente na circulação de imagens e sons que atravessam a vida contemporânea e o mundo do trabalho.

O percurso formativo tem duração de 80 horas e está estruturado em três módulos que se articulam de maneira a favorecer a construção progressiva de saberes: Introdução à Linguagem Audiovisual (1); Linguagens em movimento: tipos de produções audiovisuais (2); Análise crítica da Linguagem audiovisual: possibilidades para o trabalho pedagógico no EMI (3). Em cada módulo, serão disponibilizados materiais complementares, como artigos, textos variados, vídeos, propostas de análise individual e coletiva de obras audiovisuais e demais atividades aplicadas, com a intenção de nutrir as discussões e estimular a apropriação dos conceitos abordados. Alguns desses conteúdos podem ser acessados diretamente por meio de links inseridos nos próprios títulos ou ícones ao longo do texto.

A organização deste material foi concebida como um curso em formato de Educação a Distância (EAD), mas foi estruturado de forma flexível, permitindo sua aplicação em diferentes ambientes educacionais virtuais, como AVAs baseados em Moodle ou outras plataformas e também em contextos presenciais. As atividades propostas podem ser articuladas a espaços de troca variados: o que em um ambiente virtual poderia ocorrer via fórum, em um contexto presencial pode assumir a forma de rodas de conversa, partilhas das atividades práticas, debates sobre os textos previamente lidos ou análises coletivas de

videoclipes, filmes e outras produções audiovisuais. Trata-se, portanto, de um recurso adaptável, que pode ser incorporado a diferentes dinâmicas formativas conforme as condições e objetivos de cada grupo de docentes.

Lança-se, portanto, um convite para que cada participante adentre este percurso com abertura para a experimentação, o diálogo e a criação, reconhecendo nas produções audiovisuais mais do que uma ferramenta didática: um campo de saberes que se estrutura por uma linguagem regida por simbolismos e atravessada por culturas e ideologias, sustentando um caráter fecundo e eminentemente interdisciplinar. A educação audiovisual, nesse horizonte, constitui-se como território fértil para a construção de um trabalho pedagógico comprometido com a perspectiva de uma formação humana integral e emancipação dos sujeitos.



## SUMÁRIO

<b>MÓDULO 1</b> .....	6
<b>1.INTRODUÇÃO À LINGUAGEM AUDIOVISUAL</b> .....	6
<b>1.1 O cinema como marco inaugural da linguagem audiovisual</b> .....	6
<b>1.2 Fundamentos da linguagem audiovisual: teoria e prática para trabalho pedagógico no EMI</b> .....	7
1.2.1 Enquadramento: planos e ângulos.....	8
1.2.2 Movimentos de câmera.....	10
1.2.3 Composição do quadro ou mise-en-scène.....	11
1.2.4 A cor no cinema.....	14
1.2.5 Montagem: o cinema pensado entre planos.....	16
1.2.6 O som como elemento narrativo.....	18
<b>MÓDULO 2</b> .....	20
<b>2. LINGUAGENS EM MOVIMENTO: TIPOS DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS</b> .....	20
<b>2.1 O reinado do vídeo: presença soberana dentro e fora do EMI</b> .....	21
<b>MÓDULO 3</b> .....	23
<b>3. ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL: POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO NO EMI</b> .....	23
<b>3.1 De que maneira a linguagem audiovisual pode ser incorporada de forma analítica aos diferentes componentes curriculares do EMI?</b> .....	24
<b>3.2 Propostas de trabalho com a linguagem audiovisual em algumas áreas do conhecimento</b> .....	25
<b>3.3 Percursos de exibição e análise: do cineclube ao videoclipe</b> .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>FICHA TÉCNICA</b> .....	36

## MÓDULO 1

### 1. INTRODUÇÃO À LINGUAGEM AUDIOVISUAL

🕒 **Duração estimada:** 40 horas

#### 1.1 O cinema como marco inaugural da linguagem audiovisual

Iniciamos nossa jornada propondo uma reflexão sobre a constituição da linguagem audiovisual a partir de sua gênese cinematográfica (Youngblood, 2017; Elsaesser, 2018). Neste módulo, não pretendemos contar a história do cinema. O que propomos é situar a sétima arte como marco inaugural de uma configuração expressiva que reorganiza percepções, temporalidades e narrativas. A ênfase recairá sobre os procedimentos técnicos e estéticos que, ao longo desse percurso inicial, conformaram uma gramática própria — base ainda pulsante nas construções audiovisuais contemporâneas.

Convidamos os professores a iniciarem conosco este percurso de reflexão sobre a constituição da linguagem audiovisual, reconhecendo no cinema seu marco inaugural e seu território de experimentações fundadoras. O texto “Um breve percurso histórico sobre a linguagem audiovisual” (cujo link encontra-se ao final deste parágrafo) apresenta a contextualização desse movimento inicial, situando alguns dos elementos que moldaram o cinema como campo expressivo. Esperamos que essa leitura contribua para fortalecer o diálogo entre o tecido narrativo das produções audiovisuais e o trabalho pedagógico em suas múltiplas possibilidades formativas.

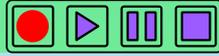
**Link para o texto:** [🔗](#)

Conforme Liliana Ferreira (2018), o **trabalho pedagógico** é uma atividade sistemática e intencional que se concretiza por meio da interação dialógica entre os sujeitos, permitindo a construção de conhecimentos a partir da troca entre saberes. Trata-se do trabalho realizado pelos professores na e para a escola, articulando seus projetos pedagógicos individuais com o projeto político-pedagógico institucional. Essa articulação ocorre em espaços e tempos coletivos, favorecendo a constituição de uma práxis pedagógica, entendida como a imbricação reflexiva entre teoria e prática, num processo contínuo de construção de identidade e aperfeiçoamento da atuação docente.

Antes de seguirmos, convidamos vocês a partilharem suas percepções a partir da leitura do texto-base e dos artigos de Moço e Copetti, acessíveis no link acima. Essa partilha poderá ocorrer em encontro síncrono ou por meio de atividade assíncrona, em data e horário a combinar.

Sugerimos que, durante a leitura, atentem para os modos como as escolhas narrativas e estéticas produzem sentidos e apresentam diferentes interpretações sobre o real. Em seguida, daremos continuidade ao percurso, aprofundando os elementos fundantes da linguagem audiovisual.

Concluído este momento de reflexão e diálogo, abordaremos os elementos que estruturam a linguagem audiovisual. Aprofundar o entendimento sobre conceitos como , enquadramentos, cores, movimento de câmera e montagem é fundamental para compreendermos como as obras audiovisuais articulam suas construções simbólicas e produzem sentidos.



“O significado de um filme é um todo.”  
Milton de Almeida

## 1.2 Fundamentos da linguagem audiovisual: teoria e prática para o trabalho pedagógico no EMI

Assim como a linguagem verbal se estrutura a partir de regras, convenções e contextos para a produção de sentidos, a linguagem audiovisual também opera com códigos próprios, e estes não se configuram como neutros. Van Sijll (2017, p. 13) observa que "existem centenas de maneiras de transmitir ideias nos filmes: o diálogo é só uma delas", indicando que sons, imagens, movimentos e cortes compõem um vocabulário expressivo que estrutura a comunicação cinematográfica. Cada escolha formal, o que se mostra, de que forma se mostra, em que tempo e sob qual ponto de vista, interfere na forma como a narrativa será apreendida.

Nesse horizonte, compreendemos que as produções audiovisuais não se propõem a registrar o mundo, mas a construí-lo simbolicamente. Em consonância com essa perspectiva, Duarte (2002) afirma que o cinema não objetiva

”tentar captar o “real” como ele acontece, mas de inventar uma realidade a partir da escolha da forma de filmar e da seleção dos planos a serem utilizados na montagem, criando a ilusão de realidade que é própria do cinema” (Duarte, 2002, p. 27).

Educar a partir dessa perspectiva adquire relevância particular para docentes do Ensino Médio Integrado (EMI), no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), cujo trabalho pedagógico (Ferreira, 2018) demanda a articulação entre saberes técnicos, científicos e culturais em uma formação integrada (Ramos, 2010). Trata-se de um tipo de conhecimento que potencializa este tipo de formação contribuindo para a construção de sujeitos capazes de compreender criticamente os discursos audiovisuais que atravessam suas experiências sociais, profissionais e políticas.



### EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA:

Com isso, compreendemos que é na forma como se constrói o trabalho pedagógico com a linguagem audiovisual, orientado para a crítica e para a resistência, que pode se instaurar uma educação com potência emancipatória. Como afirma Adorno (2023), a emancipação exige que a ormação se direcione à denúncia das aparências,

criando condições para que os sujeitos desenvolvam uma consciência capaz de resistir à naturalização das formas de dominação, abrindo espaço para o questionamento das estruturas que mantêm a alienação e impedem a autonomia do pensamento. A emancipação, nesse sentido, supõe que o ser humano se reconheça como sujeito, “artífice de seu próprio agir” (Ramos, 2008).

### Para pensar (e discutir com nossos pares):



- Que tipos de produções audiovisuais mais circulam em nosso espaço escolar?
- Elas ensinam o quê?
- Que formas de ver e sentir essas imagens legitimam?
- E que formas silenciam?

A partir deste ponto, abordaremos os principais elementos que compõem a linguagem audiovisual: enquadramento (planos e ângulos), movimento de câmera, composição do quadro, cor e montagem. Cada um será apresentado em sequência, com ênfase em suas variações e nas formas como estruturam sentidos e orientam o olhar. Também é importante esclarecermos que aqui estamos tratando da decupagem clássica: técnica tradicional de filmar uma cena, dividindo-a em planos que garantem clareza espacial, temporal e narrativa para o espectador.

#### 1.2.1 Enquadramento: planos e ângulos

Quando começamos a observar uma obra audiovisual, a primeira impressão que temos é a de um fluxo contínuo de imagens. Mas, para a linguagem cinematográfica, esse fluxo é composto por unidades fundamentais: os planos.

E nada melhor do que seguir pensando sobre os planos — e também sobre os ângulos de filmagem — com quem conhece profundamente a linguagem cinematográfica. Oferecemos como referência o site Primeiro Filme, criado pelo cineasta gaúcho Carlos Gerbase. A proposta foi pensada especialmente para o trabalho com cinema na escola, combinando clareza conceitual com sensibilidade pedagógica. Gerbase dedica parte de sua trajetória à formação de novos olhares, compartilhando fundamentos da linguagem audiovisual com educadores interessados em experimentar o cinema como forma de expressão e criação coletiva. O site está disponível em: [@](#)

## Encontro síncrono

### Planos em cena: experimentações do olhar cinematográfico

Convidamos os professores inscritos para um encontro síncrono, cuja data será comunicada por meio do e-mail informado no momento da inscrição. Nessa ocasião, poderemos dialogar coletivamente sobre os conceitos trabalhados, explorar dúvidas e construir relações entre os conteúdos estudados. **DURAÇÃO:** 90 min.



**Objetivo do encontro:**  
*Criar um espaço de experimentação e trocas a partir da análise de diferentes tipos de enquadramentos (planos e ângulos). A ideia é acionar os conceitos discutidos e observar, coletivamente, como as escolhas formais moldam a percepção e constroem sentidos.*

Como apoio a este módulo, disponibilizaremos um PDF com a descrição dos principais tipos de enquadramentos, articulando suas conotações simbólicas e os efeitos emocionais que podem provocar no espectador.

## TEMA DE CASA:

### Explorando os enquadramentos nas produções audiovisuais

Sugerimos que cada participante escolha uma cena curta (de até 2 minutos) de um filme, curta-metragem, propaganda ou vídeo de internet com o qual tenha alguma familiaridade. O desafio é observar com atenção os tipos de planos utilizados e pensar sobre como essas escolhas constroem sentidos.

#### Você pode se guiar pelas seguintes perguntas:

- Quais tipos de planos aparecem na cena (geral, médio, americano, primeiro plano, detalhe)?
- Qual a relação entre o tipo de plano e o sentimento provocado no espectador?
- Algum elemento do enquadramento chama atenção? Há algo que foi excluído do campo de visão?
- Como os planos se articulam na construção narrativa da cena?

Se quiser, anote suas observações ou registre em áudio/vídeo curto (caso deseje partilhar com o grupo no próximo encontro).

Obs.: não é necessário realizar uma análise técnica. A proposta é apenas exercitar o olhar e começar a perceber como as produções audiovisuais sistematizam o que vemos (e o que não vemos).



Fonte: Unsplash banco de imagens livres

## 1.2.2 Movimentos de câmera

“O movimento de câmera [...] responsável entre outras coisas pelo que melhor caracteriza a especificidade da linguagem do cinema: a impressão de realidade”  
(Duarte, 2002, pg 43 e 44).

Ah, os movimentos de câmera! Eles são como a respiração do cinema, ditando o ritmo e a emoção que sentimos ao assistir a uma cena. A câmera não é apenas um instrumento de registro; ela é uma narradora ativa que guia o olhar do espectador, constrói sentidos e evoca emoções. É fascinante como um simples deslocamento da lente pode evocar sentimentos tão distintos. Vamos explorar alguns dos principais e o que eles geralmente comunicam.

Prontos para esse deslocamento? Aperte o cinto e clique no link:



### Encontro Síncrono

Após aprendermos sobre movimentos de câmera e enquadramentos, que tal promovermos um encontro síncrono focado na imersão coletiva em trechos de filmes, séries e vídeos publicitários sob essa ótica específica?

**DURAÇÃO:** 90 min.



#### Objetivo do encontro:

Nosso objetivo será investigar minuciosamente como a movimentação da câmera, a escolha dos planos e os enquadramentos contribuem para a narrativa e a emoção em cada exemplo.

Será uma oportunidade valiosa para aprofundarmos nosso olhar!



#### Algumas sugestões de bibliografias para iluminar os conceitos trabalhados:

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GERBASE, Carlos. **Cinema: primeiro filme**: descobrindo, fazendo, pensando. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**: A Opacidade e o Olhar. Editora Paz e Terra, 2008.

### 1.2.3 Composição do quadro ou mise-en-scène

O termo francês *mise-en-scène* significa, literalmente, “colocar em cena”. No cinema, refere-se à organização intencional de todos os elementos que aparecem no quadro, incluindo: cenografia e objetos de cena, figurinos e maquiagem, iluminação, posição e movimentação dos atores, enquadramento e composição do plano. paleta de cores e ritmo interno da cena. A *mise-en-scène* é uma construção plástica e simbólica. Não se trata apenas de montar um ambiente, mas de construir sentidos por meio da visualidade.



Fonte: biblioteca livre Canva

Na *mise-en-scène* o que se vê em cena obedece a escolhas que estruturam sentidos, mesmo quando essa estrutura busca parecer espontânea. Nessa perspectiva, o cinema não opera como reprodução imediata da realidade, mas como linguagem atravessada por códigos.

Compreender essa codificação requer procedimentos analíticos que segmentem o plano e tornem perceptível a lógica interna que sustenta sua expressividade (AUMONT, 2004). A *mise-en-scène* torna visível a articulação entre forma e pensamento, entre o visível e aquilo que se pretende comunicar por meio dele.

### Perspectivas pedagógicas

Trabalhar *mise-en-scène* é mais do que estudar o “cenário” de um filme. Trata-se de exercitar o olhar para os elementos que comunicam sem palavras. A educação audiovisual, nesse contexto, estimula a percepção crítica, por provocar a leitura simbólica e estética, habilidades essenciais à perspectiva de formação humana integral no EMI. É nesse horizonte que se inscreve a afirmação de Duarte (2002) quando defende que a escola deve tratar o audiovisual como uma linguagem e não como um mero suporte didático. A *mise-en-scène* oferece uma entrada potente para essa abordagem, pois permite perceber o cinema como forma de pensamento audiovisual.

## Mas, afinal, o que é Educação Audiovisual?

Partimos da compreensão de que a Educação Audiovisual não diz respeito ao uso de tecnologias de imagem e som na educação, nem tampouco à exibição de produções audiovisuais como recurso instrumental. Ela se configura, para nós, como uma abordagem pedagógica que reconhece a linguagem audiovisual como mediadora de experiências formativas, articulando processos de observação, análise e criação em contextos que atravessam a escola e a vida. Assis Brasil (2014) define a educação audiovisual como a tarefa de “ajudar a criar cidadãos capazes de pensar naquilo que veem e ouvem (Assis Brasil (2014, p. 318).

Caros colegas professores,

Após nossa inicial imersão teórica na tapeçaria simbólica da linguagem audiovisual, especialmente no que tange à mise-en-scène, convido-os a exercitarem seus olhares em um momento prático. Que tal dedicarmos um tempo para assistirmos a um vídeo que explica muito bem o conceito de mise-en-scène? Com ele será possível desvendarmos juntos de que maneira a disposição dos elementos no quadro, a movimentação dos atores, a iluminação, o figurino e o cenário constroem significado e comunicam emoções.

Aperte o play:



## Atividade pedagógica assíncrona: “Lendo a cena”

**Nesta atividade, os professores deverão se organizar em grupos (formados via fórum ou outro canal de comunicação da turma) para analisar uma cena curta de um filme disponível no Canal Curtas (sugerimos a escolha de curtas-metragens brasileiros).**

Cada grupo deverá observar os seguintes aspectos: como o espaço foi construído na cena? Que informações os figurinos transmitem? Que efeitos produzem a cor e a iluminação? Como os corpos estão posicionados e o que isso comunica?



Fonte: Banco de imagens liberadas pelo Canva

Em seguida, poderão discutir coletivamente como esse exercício poderia ser realizado com estudantes:

Que perguntas instigariam o olhar dos alunos?

Que relações podem ser feitas com temas curriculares?

A discussão e os registros do grupo devem ser postados no fórum até a data indicada. Os pontos levantados servirão como base para o diálogo no nosso próximo encontro síncrono.



### Algumas sugestões de bibliografias para iluminar os conceitos trabalhados:

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Tradução de Maria Helena Kühner. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

VAN SIJLL, Jennifer. **Narrativa cinematográfica**: contando histórias com imagens em movimento. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

#### Leitura complementar sugerida:

Além da bibliografia já indicada, recomendamos a leitura do artigo "A luz como ferramenta da mise-en-scène", de Mangueira e Almeida (2019), para reforçar o conhecimento sobre a construção das cenas.



## Encontro Síncrono

### Linguagem audiovisual no trabalho Pedagógico

Convidamos os participantes da formação a se reunirem em nosso próximo encontro síncrono, dedicado ao aprofundamento coletivo dos conteúdos trabalhados até o momento: mise-en-scène, enquadramentos e movimentos de câmera.

Neste momento formativo, retomaremos a atividade assíncrona realizada em grupo — análise de uma cena — e abriremos espaço para a apresentação e discussão dos registros compartilhados no fórum. A partir dessas experiências, buscaremos construir pontes entre os elementos da linguagem audiovisual e as possibilidades de trabalho pedagógico no contexto do EMI.

Data, horário e o link de acesso serão enviados para o e-mail utilizado na inscrição. Sua presença será essencial para ampliarmos os sentidos desta formação que se propõe a pensar a linguagem audiovisual como prática formadora.

**DURAÇÃO:** 90 min.



#### 1.2.4 A cor no cinema

A cor no cinema não se restringe a uma dimensão decorativa ou tecnológica. Ela atua como elemento expressivo da mise-en-scène, estruturando atmosferas, sugerindo estados emocionais, marcando rupturas narrativas e, muitas vezes, funcionando como signo visual que organiza a recepção do espectador.

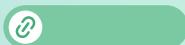
Desde os experimentos com a coloração manual dos fotogramas no cinema mudo até o uso sofisticado da correção digital contemporânea, a cor tem sido utilizada como um forte atributo estético. Em determinados filmes, ela conduz leituras simbólicas complexas; em outros, intensifica emoções ou cria contrastes sensoriais que impactam diretamente na experiência fílmica.

É preciso considerar que cada cor carrega consigo um repertório cultural e regional. O vermelho, por exemplo, pode sugerir paixão, violência ou até mesmo o esplendor da vida, como ocorre em determinadas tradições do Oriente. Já o azul claro costuma ser associado à calma, à frieza ou à melancolia, mas reduzir seus sentidos a essas interpretações seria negligenciar a complexidade simbólica que a cor pode evocar em diferentes contextos.

#### **Leitura recomendada:**

Para iniciarmos o estudo sobre a cor no cinema, indicamos a leitura atenta de dois artigos: "Limites da experiência estética: cores e cinema narrativo", de Wanderley Anchieta. Nele o autor discute como a cor compõe sentidos, atuando como parte do fundamental da experiência fílmica. Outro ensaio que discute essa dimensão é: A cor no cinema: signos da linguagem, de Maria Helena Braga e Vaz da Costa.

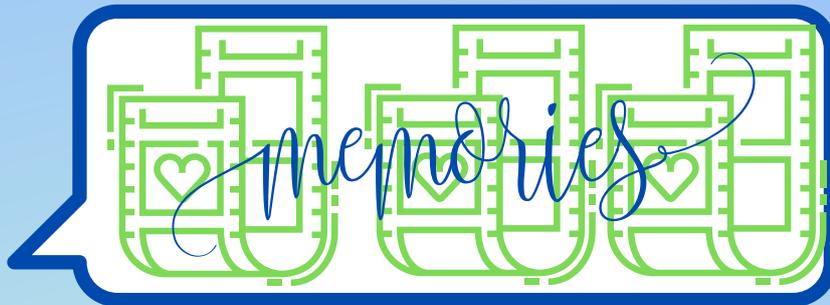
Links aqui:



Após a leitura do artigo "Limites da experiência estética: a cor como narração", propomos que assistam ao vídeo de Anderson Gaveta intitulado "Psicologia das Cores no Cinema". Neste vídeo, Gaveta aborda, com clareza e muito bom humor, como as cores são utilizadas no cinema para construir atmosferas emocionais no espectador. Ele exemplifica como diretores e diretores de fotografia empregam a paleta de cores para narrar visualmente.

Assista ao  
vídeo aqui:





## TEMA DE CASA:



Fonte: Banco de imagens  
livres Unsplash

Nesta proposta, convidamos os colegas a revisitarem um filme que tenha lhes marcado em alguma etapa da vida — seja pela narrativa, pelas emoções despertadas ou pelas lembranças que evocou. A intenção é olhar para essa obra com as lentes que estamos construindo ao longo desta formação, especialmente no que se refere ao papel da cor na linguagem audiovisual.

**Assistam novamente ao filme escolhido e selecionem uma cena que permaneceu na memória.** Em seguida, reflitam:

Quais cores se destacam na cena?

Como essas cores interferem na construção da atmosfera, do tempo, dos sentimentos ou da narrativa?

A percepção que tinham do filme se transforma com esse novo olhar?

**Registrem** essas observações em um pequeno texto (de até 30 linhas) e enviem pelo ambiente virtual [em data a combinar]. Caso preferam, também é possível **gravar** um áudio ou vídeo curto com essas reflexões.

Após a entrega, teremos um espaço de troca entre os participantes, onde poderemos partilhar as cenas escolhidas, as interpretações construídas e pensar juntos como esse tipo de análise pode ser incorporado ao trabalho pedagógico no EMI.

## 1.2.5 Montagem: o cinema pensado entre planos

Se, na subseção anterior, refletimos sobre a cor como elemento expressivo capaz de sugerir atmosferas, agora nos debruçaremos sobre a montagem, o gesto que articula os fragmentos visuais e sonoros, construindo relações, ritmos e significados. A montagem é, por excelência, o espaço onde o cinema pensa, propõe rupturas e produz sentidos através da justaposição. É ela que define o tempo e o modo como as imagens dialogam entre si.

Faz-se mister esclarecer que, embora reconheçamos a relevância do percurso histórico da montagem, que atravessa desde as experiências do cinema primitivo, passando pelo impacto do som, pelas contribuições da escola soviética até os desdobramentos no cinema contemporâneo, neste módulo não nos deteremos no aprofundamento dessas transformações.

A proposta é tratarmos a montagem de forma mais geral, compreendendo-a como operação central na linguagem cinematográfica, capaz de articular planos, instaurar ritmos e construir sentidos que escapam à linearidade do discurso verbal.



Fonte: Banco de imagens liberadas pelo Canva

*Antes de seguirmos, façamos uma pequena pausa para a leitura do ensaio “A montagem cinematográfica como ato criativo”, de Maria Mourão, cuja abordagem pode contribuir para repensarmos a montagem para além de sua dimensão técnica. Nosso objetivo é favorecer uma compreensão que a reconheça como forma de pensamento visual, capaz de organizar ritmos e sentidos na tessitura audiovisual.*



O vídeo "Montagem: o específico cinematográfico" (do canal AVmakers) apresenta, de forma clara e envolvente, os fundamentos da montagem cinematográfica, inclusive abordando o som, outro código importantíssimo para a composição da obra. Ao longo do vídeo, são discutidas estratégias narrativas, efeitos rítmicos e escolhas que organizam o pensamento do filme, exatamente como vimos na leitura proposta.

Sugerimos que assistamos atentamente, observando as relações entre os planos, o ritmo da edição e as intenções que cada escolha de montagem pode comunicar.



### **Atividade assíncrona – Montagem e mundo do trabalho:**

A montagem não serve apenas para contar histórias ficcionais. Ela pode ser também uma ferramenta potente para narrar realidades, provocar reflexões e construir leituras críticas sobre o mundo em que vivemos. Pensando na proposta do Ensino Médio Integrado, em que se articulam cultura, trabalho, ciência e tecnologia com a formação humana, propomos o seguinte desafio:

#### **Proposta:**

Criar uma breve sequência audiovisual (de até 1 minuto), a partir de imagens fixas (fotos) ou pequenos trechos de vídeos, que dialogue com alguma dimensão do mundo do trabalho: suas demandas diárias, sua trajetória até o *Campus*, momentos poéticos, etc...

#### **Como fazer:**

Escolher e organizar 4 a 6 imagens ou vídeos curtos, que podem ser capturados com o celular ou buscados em bancos de imagens livres; 2. Criar uma montagem simples, que proponha uma leitura visual crítica ou poética sobre o tema escolhido; 3. Adicionar, se desejarem, uma trilha sonora ou texto breve que intensifique os sentidos da montagem (opcional); 4. Publicar o vídeo no ambiente virtual (ou enviar por link), junto com um pequeno texto alusivo ao processo de montagem realizado, explicando a intenção da sequência.

#### **Objetivo:**

Experimentar a montagem como instrumento de leitura crítica do mundo do trabalho, articulando linguagem audiovisual, sensibilidade estética e compromisso formativo com a realidade do EMI.

Se, até aqui, nos aproximamos dos modos de ver, explorando os enquadramentos, os movimentos de câmera, os sentidos das cores e a força da montagem, agora é hora de aguçar nossa escuta. O som, muitas vezes invisível e negligenciado, também constrói o que vemos. Ele não apenas acompanha a imagem: muitas vezes a antecede, a contradiz, reorganiza ou endossa.



### 1.2.6 O som como elemento narrativo

Nem tudo no cinema se vê. Há sentidos que nos atravessam pelo som e são justamente esses que, muitas vezes, organizam a emoção, o tempo e o espaço da narrativa. O som no audiovisual não é um mero complemento da imagem, mas um elemento estruturante da linguagem. Quantas vezes um ruído inesperado nos fez estremecer no meio de uma cena, ou uma melodia nos emocionou profundamente, mesmo sem entendermos exatamente por quê? O som tem o poder de afetar antes mesmo que compreendamos racionalmente o que estamos vendo — e, por isso, precisa ser reconhecido como parte essencial do trabalho pedagógico com a linguagem audiovisual.

#### Elementos sonoros que constroem sentidos:

- Trilha sonora (música original, música ambiente, silêncio expressivo)
- Efeitos sonoros (sons diegéticos e extradiegéticos)
- Voz (narração, diálogo, vozes sobrepostas)
- Ruídos, silêncio e ambiência como recursos narrativos
- Som e realidade: como o som constrói o verossímil

#### Leitura orientada: “Os fenômenos sonoros”

Como aprofundamento das reflexões propostas neste módulo, sugerimos a leitura do Capítulo 7 do livro *A linguagem cinematográfica*, de Marcel Martin (2005), intitulado “Os fenômenos sonoros”. Neste capítulo, o autor apresenta uma abordagem acessível sobre os diversos elementos que compõem o universo sonoro no cinema.

Vamos escutar o cinema em ação?

Vídeos de apoio (YouTube)



## Atividade assíncrona – Quando o som ressignifica a imagem

### Proposta:

Vamos inverter a lógica habitual. Em vez de analisar cenas por aquilo que mostram, vamos observá-las pelo que fazem ouvir. A proposta é que cada professor escolha uma cena conhecida (ou de livre acesso) e substitua a trilha original por outra trilha sonora, de sua escolha, ou modifique o ambiente sonoro com sons e ruídos diferentes.

### Objetivo:

Perceber como a mudança no som altera a leitura da cena, demonstrando o quanto o ele opera como estrutura narrativa e emocional.

### Como realizar:

- Escolher uma cena curta (até 1 min) e remover o som original;
- Adicionar uma nova trilha (música, ruído, silêncio, gravação própria etc.);
- Compartilhar a nova versão no grupo da formação (pode ser um vídeo simples feito em app como CapCut ou Canva);

### Partilha coletiva

Na semana seguinte, abriremos um espaço para a partilha das recriações sonoras produzidas. A proposta é refletirmos sobre como o som pode ser explorado como linguagem no trabalho pedagógico com produções audiovisuais, seja em análises críticas em sala de aula, em projetos interdisciplinares, na criação de vídeos pelos professores para uso em suas aulas, ou em experiências realizadas com os próprios estudantes.



Com este módulo, encerramos o percurso introdutório pelos principais elementos estruturais da linguagem audiovisual. Passamos pelos enquadramentos, movimentos de câmera, composição do quadro, pela cor, montagem e som — camadas que compõem a gramática sensível do cinema e de tantas outras produções audiovisuais que circulam em nosso cotidiano.

É importante lembrarmos que o cinema é o marco zero dessa linguagem: foi ali que os primeiros gestos de pensar com imagens e sons se estruturaram como forma de expressão, narrativa.

A partir de agora, faremos um breve estudo sobre os diferentes tipos de produções audiovisuais. Não se trata de um aprofundamento, mas de uma visão geral que nos ajude a reconhecer suas características, finalidades e possibilidades de uso no contexto do EMI.

## MÓDULO 2

### 2. LINGUAGENS EM MOVIMENTO: TIPOS DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

 **Duração estimada:** 10 horas:

A linguagem audiovisual se materializa em múltiplos formatos que circulam por diferentes espaços: cinemas, escolas, redes sociais, televisão, ambientes institucionais. Reconhecer essa diversidade é fundamental para pensar o trabalho pedagógico com o audiovisual no EMI. A seguir, reunimos alguns dos principais tipos de produções que podem ser abordadas em sala de aula, não com intenção classificatória, mas como convite à análise, à criação e à experimentação crítica.

**Cinema (longa-metragem):** Forma clássica da linguagem audiovisual, estruturada (quase sempre) em narrativa contínua com desenvolvimento de personagens, conflitos e desfechos. Construir um trabalho pedagógico aliado ao cinema permite desenvolver o olhar analítico para sua linguagem, estimular a reflexão, desenvolver a percepção estética e aproximar os estudantes de um repertório cultural muitas vezes distante.

**Curtas-metragens:** Produções breves, com enorme potência narrativa e estética. Pelo tempo reduzido, são recursos acessíveis ao ambiente escolar. Permitem abordar temáticas diversas e provocar discussões em torno de linguagem, estilo, temática e contexto de produção.

**Reportagens:** Produções associadas ao jornalismo audiovisual, que misturam informação, edição e narrativa. Trabalhar com reportagens em sala de aula permite discutir critérios de seleção, enquadramentos (tanto em relação a um código de linguagem como na forma que apropria a “realidade”), estratégias de persuasão e conotações ideológicas presentes na linguagem informativa.

**Programas de televisão:** Abrangem uma enorme variedade de formatos: entrevistas, debates, humorísticos, reality shows, culturais. Ao analisar programas de TV, podemos refletir sobre construção de discursos, padrões de linguagem e representações sociais.

**Vídeo-arte:** Produções que se afastam da narrativa linear para experimentar sensações visuais e sonoras. Trabalhar com vídeo-arte pode abrir espaço para a percepção estética e para a criação livre, rompendo em parte com os códigos tradicionais da linguagem audiovisual.

**Videotape:** Formato histórico muito usado em registros escolares, programas educativos e arquivos caseiros. Pode ser retomado como linguagem para trabalhar memória, encenação e produção coletiva, especialmente em projetos de valorização do cotidiano escolar.

**Vídeos publicitários:** Com forte apelo estético e argumentativo, esses vídeos são voltados à venda de produtos ou ideias. Em sala de aula, podem favorecer uma análise crítica sobre o uso estratégico da linguagem audiovisual como ferramenta de persuasão, além de provocar reflexões sobre consumo e construção de identidades: dimensões que dialogam diretamente com a formação para o mundo do trabalho e para a formação humana integral. Aqui cabe aliar conteúdos dos mais diversos componentes curriculares do EMI. Ouvimos falar em trabalho interdisciplinar?

**Vídeos de propaganda política:** Produções voltadas à construção de discursos ideológicos e eleitorais. São materiais potentes para pensar linguagem, emoção e construção de autoridade. Sua análise pode contribuir para a formação crítica e cidadã no EMI.

**Vídeos institucionais e educacionais:** Produzidos por escolas, secretarias de educação, ONGs e outras instituições, esses vídeos veiculam mensagens formativas ou informativas. Trabalhar com eles é uma oportunidade de analisar como se constroem discursos de neutralidade, pertencimento ou autoridade no campo da educação.

**Conteúdos digitais (YouTube, redes sociais):** Produções voltadas às lógicas das plataformas: vídeos curtos, narrativas pessoais, culturais, experimentações híbridas, entre outros. Podem ser ferramentas de aproximação com os estudantes e também objeto de análise crítica sobre em como sua linguagem aborda questões de visibilidade, estética e performatividade.

## 2.1 O reinado do vídeo: presença soberana dentro e fora do EMI

A partir da lista de produções audiovisuais que apresentamos, é possível perceber que o vídeo atravessa grande parte dos formatos contemporâneos. Ele aparece sob diferentes nomenclaturas, finalidades e suportes, mas mantém sua posição como forma predominante da linguagem audiovisual atual. Diante de seu reinado — dentro e fora da escola, talvez valha perguntar: o que é, afinal, um vídeo?

Segundo o dicionário Michaelis online (2023), trata-se de um “conjunto de técnicas de gravação, edição, transmissão e recepção de imagens através de sinais de televisão ou de outros meios de multimídia”, podendo também referir-se aos dispositivos que reproduzem imagens em movimento ou mesmo a um filme ou programa gravado. O termo “vídeo”, segundo Dubois (2004), também opera como prefixo ou sufixo em diversas expressões — vídeo clipe, vídeo tape, vídeo cassete, placa de vídeo —, revelando seu caráter aglutinador e sua presença dispersa no vocabulário técnico e cotidiano.

Essa multiplicidade de sentidos é discutida por Philippe Dubois (2004), que compreende o vídeo como uma entidade descentralizada, marcada por transitoriedades. Para o autor, o vídeo não ocupa um lugar fixo; ele funciona como um periférico, uma variação, uma forma derivada de outra linguagem que não lhe pertence integralmente. Em sua obra “Cinema, vídeo, Godard”, Dubois (2004) afirma que o vídeo, como sistema de imagens tecnológicas, “sempre teve problemas de identidade” (p. 69), carregando uma ambiguidade constitutiva que o torna instável, móvel e aberto a reconfigurações permanentes.

**Leitura recomendada:** Para aprofundar as reflexões sobre o conceito de vídeo, recomendamos a leitura do capítulo “Por uma estética da imagem de vídeo”, da obra *Cinema, vídeo, Godard*, de Philippe Dubois (2004). Ele discute a instabilidade conceitual do vídeo, sua condição periférica em relação ao cinema e propõe uma reflexão sobre o estatuto da imagem técnica.

Se, como afirma Dubois (2004), o vídeo não ocupa uma posição central nem fixa, mas opera como uma linguagem periférica, instável e em constante trânsito, é preciso considerar também como essa forma de expressão se distancia de seu ponto de origem: o cinema. A linguagem videográfica tem origem na estrutura narrativa do cinema, mas se descola dela ao propor construções que nem sempre seguem uma ordem linear ou conduzem a um desfecho — ainda que o próprio cinema, em raras ocasiões, também desafie essa lógica. Enquanto o cinema tende a estruturar histórias com começo, meio e fim, o vídeo pode trabalhar com fragmentos, gestos ou cenas soltas — como uma criança correndo em câmera lenta ou uma imagem isolada de um cotidiano qualquer — sem a necessidade de conclusão ou elaboração dramática. Embora compartilhe recursos técnicos do cinema — como planos, cortes, enquadramentos e trilha sonora —, o vídeo constrói outra relação com o tempo, com o olhar e com a audição, operando de modo mais fugaz, dinâmico e adaptável a diferentes contextos de circulação (PEDROSO, 2025).

## E como isso interfere em nosso trabalho pedagógico?

Outra questão que merece ser mencionada é que o vídeo se insere na lógica da era digital, definida por Castells (1999) como uma sociedade em rede, estruturada por fluxos informacionais globais e sustentada por tecnologias que conectam sujeitos, culturas e economias. Os estudantes do EMI, enquanto nativos digitais, estão imersos nesse contexto desde muito cedo e habituados a linguagens marcadas pela brevidade, fragmentação e velocidade. Nesse cenário, o uso de curtas ou trechos de filmes pode ser compreendido como uma possibilidade de aproximação com os modos contemporâneos de recepção, sem que isso represente, necessariamente, um caminho ideal ou único para o trabalho pedagógico com produções audiovisuais.

Reconhecer a diversidade de produções audiovisuais é um passo para refletirmos sobre o vídeo como linguagem socialmente presente e formadora de percepções. Encerramos este panorama inicial com o objetivo de, no próximo módulo, abordar estratégias para a análise crítica do audiovisual no trabalho pedagógico, compreendendo-o como campo de leitura e intervenção no contexto do EMI.

Como complemento a este módulo, sugerimos a leitura do capítulo “A quarta dimensão”, de Arlindo Machado, presente na obra **Pré-cinemas & pós-cinemas** (1997). O autor discute a especificidade da imagem eletrônica, produzida pela câmera de vídeo, entendida como um campo de variações temporais contínuas. Também recomendamos a leitura das páginas 57 a 78 de **Arte e Mídia**, do mesmo autor.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

## MÓDULO 3

### 3. ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL: POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO NO EMI

🕒 **Duração estimada:** 30 horas:

*“Neste presente incerto, precisamos de afirmar que há sempre a possibilidade de outros futuros”*  
António Nóvoa

Prezados professores!

Chegamos ao último módulo desta formação, aquele que condensa sua essência: a análise crítica da linguagem audiovisual como possibilidade concreta para o trabalho pedagógico no EMI. Após percorrermos os elementos da linguagem audiovisual, seus formatos contemporâneos e implicações no cenário digital, voltamo-nos agora ao que sustenta este percurso: compreender o audiovisual como campo simbólico a ser acionado pedagogicamente em favor da formação humana integral. Não estamos tratando de ensinar com ou sobre produções audiovisuais, mas de integrá-las ao trabalho docente como linguagem que convoca leitura, interpretação e posicionamento no contexto do EMI.



Fonte: Unsplash, banco de imagens livres

Os caminhos propostos para esse objetivo buscam provocar o olhar e repensar certezas, criando espaços de análise, criação e partilha coletiva. Algumas propostas talvez surpreendam: não pelo ineditismo, mas pela maneira como questionam o lugar das produções audiovisuais no trabalho pedagógico. O convite, agora, é seguirmos com disponibilidade para aquilo que se constrói no entremeio da experiência e na consolidação de saberes. É pensarmos na Educação Audiovisual como um território privilegiado para interdisciplinaridade.

### 3.1 De que maneira a linguagem audiovisual pode ser incorporada de forma analítica aos diferentes componentes curriculares do EMI?



Fonte: Unsplash banco de imagens livres

Sim, talvez esta seja justamente a pergunta que nós, professores, devemos estar nos fazendo, não é mesmo? A recorrência dessa interrogação ao longo da formação não sinaliza para uma fórmula pronta, mas para a busca de caminhos possíveis — construídos no entrelaçamento entre linguagem, conteúdo, sensibilidade e compromisso pedagógico. Pensar a linguagem audiovisual no contexto das disciplinas não significa reconhecer que ela também opera como linguagem de pensamento, capaz de expandir e reconfigurar os modos de ensinar e aprender.

É salutar esclarecer que a proposta de análise que sustentamos nesta formação, não se limita aos componentes curriculares das áreas de linguagens ou ciências humanas. Por se tratar de uma forma de expressão que articula imagem, som, discurso e narrativa, as produções audiovisuais podem atravessar as disciplinas sem perder de vista as especificidades de cada campo do saber. Incorporar essa perspectiva ao trabalho pedagógico não exige que o professor se torne um especialista na área, mas que esteja disposto a se aproximar do campo em seu próprio ritmo, por meio de processos formativos contínuos. Nessa caminhada, o trabalho interdisciplinar e coletivo mostra-se especialmente fecundo, estendendo as possibilidades de reflexão, criação e reinvenção da escola (Nóvoa, 2022), especialmente no contexto do EMI.

#### Notas sobre uma metamorfose:

“Precisamos de uma metamorfose da escola, de uma transformação da sua forma. O mais importante é construir ambientes escolares propícios ao estudo e ao trabalho em conjunto” (Nóvoa, 2022, p. 44)

“Tudo surgirá de iniciativas locais, cada uma ao seu ritmo e no seu momento, fruto do envolvimento de professores e da sociedade” (Nóvoa, 2022, p. 17)

### **3.2 Propostas de trabalho com a linguagem audiovisual em algumas áreas do conhecimento**

Cada componente curricular guarda possibilidades singulares de diálogo com a linguagem audiovisual. A seguir, propomos alguns caminhos iniciais — não como roteiro prescritivo, mas como convite à experimentação no EMI.

**A seguir, apresentamos algumas sugestões destinadas a instigar o trabalho pedagógico com foco analítico na linguagem audiovisual, considerando suas possíveis articulações com diferentes áreas do conhecimento.**

#### ***Matemática***

- Análise de vídeos publicitários, institucionais ou jornalísticos que manipulam gráficos ou estatísticas. Quais informações são enfatizadas? Quais relações matemáticas permanecem ocultas? Quem assina a produção do material? Há cores predominantes? Que sentidos elas ativam na construção da mensagem?
- Uso de curtas ou vídeos que envolvem lógica matemática, padrões ou proporções, com posterior discussão dos conceitos mobilizados. Observação do ritmo da montagem (alguém falou em Eisenstein?) como regularidade e variação: relações possíveis com funções, frequência, velocidade média etc.
- Ouvir com atenção a trilha sonora de vídeos da área ou tutoriais. Que tipo de música ou ambiência sonora está presente? Como o som colabora na construção da narrativa, no tom da informação e no posicionamento do espectador?

#### ***Ciências da natureza***

- Analisar vídeos de divulgação científica (YouTube, redes sociais, documentários curtos) para identificar como se constrói a ideia de “verdade” científica. Que estratégias audiovisuais estão sendo usadas para passar essa mensagem? Que tipos de enquadramentos, movimentos de câmera estão sendo cadenciados nestas produções? que sensações provocam? O que é editado, omitido ou enfatizado para legitimar um argumento?
- Observar vídeos sobre desastres naturais, mudanças climáticas ou pandemias e discutir como a linguagem audiovisual constrói sensações de medo, urgência ou culpa. Quais códigos (cor, planos, ruídos, música) se utiliza para esse propósito? Quais efeitos essas escolhas produzem sobre a percepção pública da ciência?
- Interrogar produções audiovisuais que utilizam metáforas visuais e animações explicativas para tratar de temas como genética, evolução, corpo humano ou ecossistemas. Essas representações costumam recorrer a imagens simbólicas (como a célula como uma “fábrica” ou o corpo como uma “máquina”) com o objetivo

de tornar conceitos complexos mais acessíveis. O exercício crítico, aqui, é investigar quais sentidos essas imagens produzem, o que elas facilitam na compreensão e, ao mesmo tempo, quais reduções ou distorções podem ocorrer quando a ciência é traduzida por metáforas.

### **Informática**

- Análise de vídeos tutoriais e conteúdos de influenciadores da área de tecnologia: como são estruturados? Que linguagem técnica e estética utilizam?
- Estudo de elementos gráficos e de edição: tipos de cortes, sobreposição de camadas, uso de transições — como decisões técnicas afetam a compreensão?
- Produção de vídeos com estudantes para explicar conceitos da área (redes, algoritmos, banco de dados), refletindo sobre os recursos técnicos e expressivos envolvidos.
- Discussão sobre cultura digital e padrões de linguagem em plataformas como YouTube, TikTok ou Reels.

### **Linguagens (Língua Portuguesa, Literatura, Artes, Línguas estrangeiras, Educação Física)**

#### **Língua Portuguesa e Literatura**

- Analisar as estratégias discursivas presentes em trechos de filmes, campanhas ou curtas-metragens, observando como o discurso é construído por meio da linguagem audiovisual: escolha de planos, ritmo da montagem, ambientação sonora, ponto de vista da câmera. Esse exercício dialoga diretamente com o estudo dos gêneros textuais.
- Comparar textos verbais e produções audiovisuais, investigando como os elementos estruturais de cada linguagem (como parágrafo e plano, pontuação e ritmo de montagem, descrição e enquadramento) organizam os sentidos e constroem diferentes modos de narrar, argumentar e provocar o leitor/espectador.
- Estudar as estruturas narrativas do cinema (tempo fragmentado, montagem paralela, narrador implícito) em diálogo com os modos narrativos da literatura, ampliando o repertório dos estudantes e desenvolvendo competências de leitura e interpretação crítica.

## Artes visuais:

- Estudo das relações entre composição visual, ritmo sonoro em cenas de filmes, animações ou videoclipes. Análise de intertextualidades entre cinema e outras linguagens artísticas: como a pintura, a performance ou a fotografia atravessam o audiovisual?
- Explorar a montagem como gesto criativo e rítmico, relacionando-a a práticas de colagem, remix, reinterpretação e construção de narrativas visuais em camadas.

## Educação Física

- Análise da representação dos corpos em movimento no audiovisual: como o esporte, a dança ou a performance física são capturados pela câmera? Que tipos de corpos são visibilizados?
- Estudo de planos e enquadramentos em vídeos esportivos ou coreografias: que escolhas visuais constroem os sentidos do esforço, da habilidade ou da competição?

## Línguas estrangeiras

- Explorar os marcadores culturais em videoclipes, entrevistas e trailers — gestos, expressões, cenários, sotaques — refletindo sobre como as culturas se manifestam visual e discursivamente.
- Analisar como vídeos, curtas ou campanhas internacionais constroem sentidos por meio da combinação entre linguagem verbal, sonora e visual, destacando a presença de elementos culturais, ideológicos e retóricos próprios de cada língua.

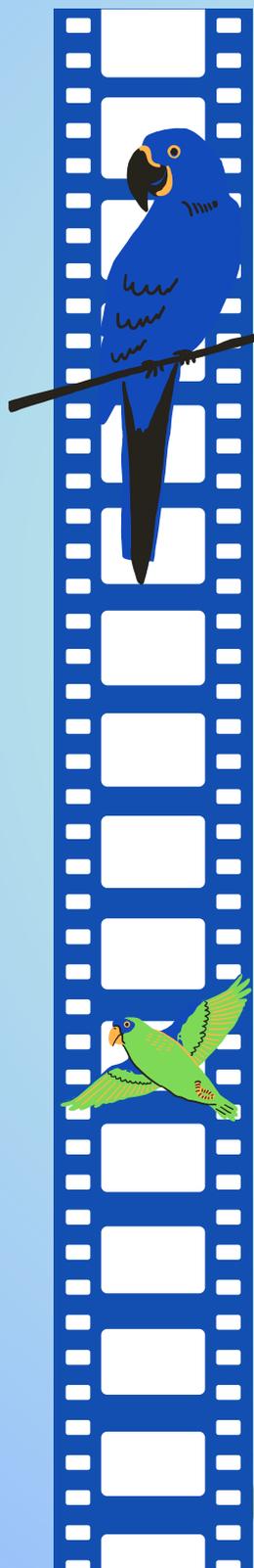
As proposições mencionadas podem ser apropriadas, reinterpretadas e adaptadas pelas demais áreas do conhecimento, conforme os objetivos e as singularidades de cada componente curricular. Trata-se de uma abordagem que preserva nossa autonomia docente e, ao mesmo tempo, potencializa os saberes acionados ao processo formativo do currículo integrado.

Nessa construção, o trabalho coletivo e interdisciplinar revela-se fundamental. Pensar como linguagem audiovisual atravessa diferentes áreas do saber exige abertura para o diálogo entre campos, para a escuta entre docentes e para a construção compartilhada de propostas pedagógicas. Como afirma Nóvoa (2022), a identidade profissional docente não se constrói de forma isolada, mas nos encontros, nos intercâmbios e nas experiências comuns vividas no interior das instituições escolares.

Como desdobramento dessas possibilidades formativas, propomos uma experiência compartilhada com obras do cinema brasileiro, que articulem linguagem audiovisual, currículo integrado e mediação docente em uma perspectiva crítica e coletiva.

### 3.3 Percursos de exibição e análise: do cineclube ao videoclipe

#### Proposta formativa: Cineclube Brasilidades



Como parte desta formação, propomos a criação do “Cineclube Brasilidades”, voltado à exibição, mediação e discussão de obras do cinema brasileiro. A proposta está em consonância com a Lei nº 13.006/2014, que determina a obrigatoriedade da exibição de, no mínimo, duas horas mensais de filmes nacionais nas escolas de educação básica. No entanto, mais do que cumprir uma exigência legal, desejamos o reconhecimento do cinema brasileiro como patrimônio cultural, como linguagem que narra o país a partir de múltiplas perspectivas, e como espaço potente de leitura crítica, estética e pedagógica.

O Cineclube Brasilidades será pensado como uma experiência entre professores — mas com vistas a ser levado às escolas, adaptado às diferentes realidades institucionais. A sugestão é que os professores vivenciem esse espaço como ora como espectadores, ora como mediadores, ora como criadores/curadores dessa experiência com os estudantes do EMI.

#### Como funcionará a proposta dentro da formação:

- 1 . Seleção de curta-metragens nacionais para os encontros síncronos e de longa-metragens para os momentos assíncronos.
- 2 . Os filmes sugeridos estarão disponíveis em plataformas gratuitas e legalizadas, como Porta Curtas, Videocamp, etc.
- 3 . Para as sessões assíncronas, os professores poderão assistir aos filmes em seu próprio tempo, durante a semana combinada, e partilhar suas percepções sobre os elementos estruturantes da linguagem audiovisual no próximo encontro síncrono.
- 4 . Após cada exibição, será disponibilizado um roteiro com perguntas abertas para análise crítica da obra — considerando forma, linguagem, discursos e possíveis articulações com os componentes curriculares.
- 5 . Serão realizadas quatro exibições no total: duas em formato assíncrono e duas em formato síncrono. Ao final do ciclo, promoveremos um quinto encontro virtual, destinado à partilha de experiências, ao diálogo sobre diferentes leituras e à reflexão coletiva sobre as possibilidades de inserção do cineclube no contexto do EMI, com as devidas adaptações.

## **Objetivos do cineclube Brasilidades na formação de professores:**

- Fomentar a análise crítica da linguagem audiovisual, articulando elementos como narrativa, montagem, som, enquadramento e representação social a partir da fruição coletiva de obras cinematográficas nacionais.
- Criar um espaço de diálogo interdisciplinar, em que docentes de diferentes áreas possam compartilhar leituras, interpretações e estratégias pedagógicas relacionadas às obras exibidas.
- Proporcionar experiências estéticas que estimulem a sensibilidade, a imaginação e a reflexão, contribuindo para uma formação docente comprometida com a emancipação dos sujeitos.
- Aproximar os professores da legislação vigente (Lei 13.006/2014), incentivando a incorporação qualificada dessas produções audiovisuais ao trabalho pedagógico.
- Constituir um acervo formativo, a partir das discussões e produções geradas no cineclube, que possa subsidiar práticas educativas futuras no EMI.

## **Sugestões para além do cineclube:**

### **E o mundo do trabalho, como tem sido representado nas telas?**

Como sugestão complementar a esta formação, reunimos uma pequena lista de filmes e vídeos que abordam, sob diferentes perspectivas estéticas e narrativas, questões relacionadas ao mundo do trabalho. Acreditamos que essas obras podem enriquecer o debate, oferecendo subsídios para refletirmos criticamente sobre as experiências laborais de diferentes sujeitos, incluindo nós, professores, assim como sobre as juventudes, as desigualdades sociais e os modos de vida, a partir das representações construídas pela linguagem audiovisual.

As listas incluem produções brasileiras e estrangeiras, justamente por reconhecer que o cinema e o vídeo, enquanto construções narrativas baseadas em imagens e sons, oferecem múltiplas possibilidades de interpretação sobre o mundo e suas complexidades, e, ao mesmo tempo nos convidam à reflexão sobre as particularidades de cada realidade.

Com isso almejamos provocar análises que dialoguem diretamente com o cotidiano e com os horizontes formativos do EMI, utilizando a linguagem audiovisual como ponto de partida para o exercício constante de leitura da linguagem audiovisual. Observar como as obras constroem suas narrativas por meio de planos, cores, movimentos de câmera, ritmos e sons para representarem esse universo nos permitem reconhecer estratégias estéticas e discursivas que mobilizam sentidos sobre o trabalho em suas múltiplas dimensões.

- **Não incluímos sinopses das obras indicadas por compreendermos que a antecipação de enredos pode restringir as múltiplas possibilidades de leitura e análise.**

## MUNDO DO TRABALHO:

### Alguns filmes:

- ▶ **O Operário** (2004, Espanha/EUA)  
Direção: Brad Anderson
- ▶ **Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar** (2019, Brasil)  
Direção: Marcelo Gomes
- ▶ **Metrópolis** (1927, Alemanha)  
Direção: Fritz Lang
- ▶ **Parasita** (2019, Coreia do Sul)  
Direção: Bong Joon-ho
- ▶ **Tempos Modernos** (1936, EUA)  
Direção: Charles Chaplin
- ▶ **À Procura da Felicidade** (2006, EUA)  
Direção: Gabriele Muccino
- ▶ **O Homem que Copiava** (2003, Brasil)  
Direção: Jorge Furtado
- ▶ **Chocolate** (2000, Reino Unido/EUA)  
Direção: Lasse Hallström
- ▶ **Estômago** (2007, Brasil/Itália)  
Direção: Marcos Jorge
- ▶ **Você Não Estava Aqui** (2019, Reino Unido/França/Bélgica)  
Direção: Ken Loach
- ▶ **Um Dia de Fúria** (1993, EUA)  
Direção: Joel Schumacher (1979, Brasil)
- ▶ **Braços Cruzados, Máquinas Paradas**  
Direção: por Roberto Gervitz e Sérgio Toledo,
- ▶ **Indústria Americana** (2019, EUA)  
Direção: Steven Bognar e Julia Reichert
- ▶ **Eu, Daniel Blake** (2016, Reino Unido/França)  
Direção: Ken Loach
- ▶ **Dois Dias, Uma Noite** (2014, Bélgica/França/Itália)  
Direção: Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne
- ▶ **Almacenados** (2015, México)  
Direção de Jack Zagher Kababie

- ▶ **Corina** (2024, México)  
Direção: Urzula Barba

### *Agora é com vocês:*

1. Quais outros filmes podem enriquecer esse debate? Registrem suas sugestões e compartilhem com seus colegas.
2. Que aspectos da linguagem audiovisual presentes nesses filmes podem ser explorados no trabalho pedagógico para favorecer a análise crítica e a reflexão sobre o mundo do trabalho?

### Alguns curtas de animação (com links):

- ▶ **Vida Maria** (2006, Brasil). Direção: Márcio Ramos [PLAY](#)

- ▶ **Alike** (2015, Espanha). Direção: Daniel Martínez e Rafa Méndez [PLAY](#)

- ▶ **El Empleo** (2008, Argentina). Direção: Santiago Bou Grasso [PLAY](#)

### Alguns videoclipes brasileiros (com links):

- ▶ **Miragem:** Jay Vaquer, (2000) [PLAY](#)

- ▶ **O Brasileiro:** Skolta, (2018) [PLAY](#)

- ▶ **Mama África:** Chico César, (1996) [PLAY](#)

- ▶ **Sou Boy:** Magazine, (1983) [PLAY](#)

Buscamos reunir um repertório de produções audiovisuais que favoreçam articulações com os saberes curriculares, o trabalho pedagógico e as possibilidades de interdisciplinaridade: sempre com foco na forma como essas produções constroem suas narrativas por meio da linguagem audiovisual. Filmes, animações e videoclipes não são aqui tratados apenas pelo que dizem sobre o trabalho, **mas pelo modo como dizem**: pelos planos, movimentos de câmera, cortes, trilhas e escolhas estéticas que pulverizam sentidos com sua expressão codificada. que expressam ideologias e modos de vida.



Fonte: Unsplash, banco de imagens livres

Essa iniciativa nos permite, simbolicamente, convidar Acacia Kuenzer, Marise Ramos e Maria Ciavatta a assistirem conosco às obras audiovisuais aqui reunidas como parte de um repertório formativo. Kuenzer (2000) talvez chamasse atenção para a importância de incorporar essas linguagens ao currículo, reconhecendo-as como expressões contemporâneas que interpelam os sujeitos. Ramos (2008) possivelmente destacaria as conexões entre trabalho, ciência, cultura e tecnologia presentes nas narrativas, lembrando que essa articulação é estruturante no EMI. E, por fim, poderíamos imaginar Ciavatta (2008; 2019) observando como essas produções despertam contradições sociais e experiências de vida, reafirmando que o trabalho, entendido como princípio educativo, carrega um potencial formativo e emancipador, sobretudo quando provoca os sujeitos a refletirem sobre suas condições e a se reconhecerem como “artífices de seu próprio agir”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos esta proposta de formação com a intenção de oferecer aos professores participantes um repertório inicial sobre a linguagem audiovisual e suas possibilidades no contexto do EMI. Ao longo das exposições síncronas e assíncronas, dos fóruns de discussão e das proposições práticas, buscamos instaurar um espaço de reflexão sobre como as produções audiovisuais podem dialogar, por meio da análise crítica de sua linguagem, com os diferentes componentes curriculares. Pretendemos, assim, contribuir para abordagens mais sistematizadas e conectadas às perspectivas de formação humana integral e emancipatória que orientam o EMI, articulando conhecimentos escolares, experiências culturais e demandas do mundo do trabalho.

Não temos a intenção de encerrar discussões, mas sim de provocar reflexões e oferecer caminhos que possam ser apropriados e transformados conforme cada contexto. O que aqui foi compartilhado permanece disponível para futuras retomadas, adaptações e reinvenções, a depender das condições e dos interesses formativos de cada um.



Aperte o



sempre que desejar.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Wanderley. Limites da experiência estética: as cores e cinema narrativo. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 46, n. 51, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2019.150259. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/150259>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Tradução de Maria Helena Kühner. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

AVMAKERS. **Montagem: o específico cinematográfico** [vídeo] (13 min e 36 s). Publicado em: 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LzZWndDgPys>. Acesso em: 12 mar. 2025.

AVMAKERS. **Som: diegese e perspectiva sonora**. AvMakers, 2021. [vídeo] (10min e 35 s). Publicado em: 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mUHDFVKRzCU>. Acesso em: 20 abr. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ClAVATTA, Maria. Trabalho-Educação – Uma Unidade Epistemológica, Histórica e Educacional. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 32, p. 132-149, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/28306/16438>. Acesso em 15 abr. 2024.

ClAVATTA, Maria. A formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica: perspectiva histórica e desafios contemporâneos. In **Formação de Professores para Educação Profissional e Tecnológica**: Brasília, 26, 27 e 28 de setembro de 2006. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 304 p. – (Coleção Educação Superior em Debate ; v. 8).

COPETTI, Taisi. O nascimento de uma nação, de Griffith: o racismo estadunidense, o ressurgimento da Ku Klux Klan e o movimento de resistência negra por direitos civis no século XX. **Revista Avant**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 248–265, 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/avant/article/view/6773>. Acesso em: 29 abr. 2025.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. A cor no cinema: signos da linguagem. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 129–138, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10884>. Acesso em: 12 abr. 2025.

DICIONÁRIO DE CINEMA. **O que é mise en scène?** | Dicionário de Cinema #03. [vídeo]. [S.l.]: Dicionário de Cinema, 2021. 1 vídeo (7 min 20 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zhk0MHBFob4>. Acesso em :30 abr.2025.

DICIONÁRIO DE CINEMA. **O que é SOM?** | Dicionário de Cinema #14 [vídeo] (8 min e 31 s). Publicado em: 31 jan. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2GmyekfYMAo>. Acesso em: 15 mar. 2025.

DUARTE, Rosália. Cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

DUBOIS, Philippe. Vídeo, cinema, Godard. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia das mídias**. São Paulo: SESC Edições, 2018.

FERREIRA, Liliana Soares. Trabalho Pedagógico na Escola: do que se fala? **Educação & Realidade**, v. 43, n. 2, p. 591-608, Abr.-Jun., 2018.

KUENZER, Acacia (org.). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MANGUEIRA, Gisele; ALMEIDA, Lucas. A luz como ferramenta da mise-en-scène. In: INTERCOM – CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 21., 2019, Campo Grande. **Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. Campo Grande: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0540-1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2025.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Artes Gráficas, 2005.

MOÇO, Aline Campos Paiva. Entre a reconstituição histórica e a narrativa cinematográfica: um estudo sobre o discurso histórico do filme O nascimento de uma nação. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**, 25., 2009, Fortaleza. Anais [...]. São Paulo: PUC-SP, 2009. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548772005\\_e1283f88239e38bc643ca01c8d8d3555.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/201901/1548772005_e1283f88239e38bc643ca01c8d8d3555.pdf). Acesso em: 10 abr. 2025.

MOURÃO, Maria Dora Genis. A montagem cinematográfica como ato criativo. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 33, n. 25, p. 229–250, 2006. DOI: [10.11606/issn.2316-7114.sig.2006.65628](https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65628). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65628>. Acesso em: 1 maio. 2025.

NÓVOA, António. **Escolas e professores. Proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PEDROSO, Janaí de Freitas. **Das telas à percepção: a educação audiovisual no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do rio Grande do Sul - Campus Canoas/RS, 2025.** Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Câmpus Charqueadas, Charqueadas, 2025.

RAMOS, Marise. Ensino Médio Integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline. et al. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades.** Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 42-57.

RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado.** Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias, v. 8, 2008. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf> Acesso em: 15 set. 2023.

VAN SIJLL, Jennifer. **Narrativa cinematográfica: contando histórias com imagens em movimento.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

YOUNGBLOOD, Gene. Cinema e o Código. Tradução de Maurício Augusto Sampaio Pinto. **Revista Movimento.** n. 8, p.123-134, jul. 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/33876701/Cinema\\_e\\_o\\_C%C3%B3digo\\_tradu%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Cinema\\_and\\_the\\_Code\\_de\\_Gene\\_Youngblood](https://www.academia.edu/33876701/Cinema_e_o_C%C3%B3digo_tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Cinema_and_the_Code_de_Gene_Youngblood). Acesso em: 27 mar 2024.

YOUNGBLOOD, Gene. **Expanded Cinema.** New York: P. Dutton & Co., Inc., 1970.

## FICHA TÉCNICA

### **Créditos de autoria e criação**

Este material foi desenvolvido como parte integrante da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Charqueadas.

### **Autoria, concepção pedagógica e elaboração de conteúdos:**

Janaí de Freitas Pedroso

### **Design gráfico e organização visual:**

Janaí de Freitas Pedroso

### **Ano de criação:**

2025

### **Imagens utilizadas:**

Todas as imagens presentes neste material foram selecionadas a partir dos acervos da plataforma Unsplash e da biblioteca gráfica do Canva, ambas com licenças livres. As imagens são isentas de restrições de direitos autorais e estão devidamente liberadas para publicação e distribuição conforme os termos de uso dessas plataformas.

### **Uso e compartilhamento:**

Este material pode ser utilizado por educadores e instituições de ensino, desde que a autoria seja devidamente citada.